

GRUPO SINTÁTICO E COMPOSTOS COM “Pé”: UM CONTINUUM EM CONSTRUÇÃO

Neide Higino da Silva (UFRJ)
neidehigino@uol.com.br

1. Introdução

O trabalho objetiva analisar estruturas lexicais da linguagem cotidiana, criadas a partir da palavra ‘pé’, a exemplo dos compostos ‘pé de moleque’, ‘pé de meia’ e ‘pé de valsa’. Mais especificamente, procura (a) observar os limites entre os compostos e grupos sintáticos; (b) propor critérios de análise para os compostos e grupos sintáticos, (c) apresentar, a partir dos critérios anteriormente estabelecidos, construções prototípicas para os compostos e os grupos sintáticos com o item lexical ‘pé’ e (d) propor um *continuum* entre compostos e grupos sintáticos.

Esta pesquisa utiliza os pressupostos da linguística cognitiva (CROFT & CRUSE, 2009) no que concerne à categorização das construções investigadas e à análise dos grupos sintáticos. Em relação aos compostos, as discussões propostas por Sandmann (1989 e 1991) norteiam este estudo.

A partir dessa fundamentação teórica, defende-se neste trabalho o caráter difuso entre as categorias: compostos (‘pé-direito’) e grupos sintáticos (‘machucou o pé direito’). e propomos um *continuum* entre essas formações.

O *corpus* analisado é constituído (a) de verbetes do *Dicionário Eletrônico Houaiss* e do *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa*, (b) informações recolhidas através da *internet*, sobretudo o *Google*, e (c) palavras por nós ouvidas em situações comunicativas variadas.

2. Forma e conteúdo

Os conceitos de palavra, composição, grupo sintático encontram definições diversas em função da fundamentação teórica assumida pelos autores na análise desses objetos de estudo e também pelos critérios gramaticais envolvidos nas definições, o que as tornam complexas e discutíveis. Para a análise das expressões lexicais serão elencadas as definições

propostas por Basilio (1987, 2000 e 2006), Mattoso Câmara (1996 e 1981), Rocha (2008), Monteiro (1986) e Sandmann (1989 e 1991) além das abordagens feitas pela linha teórica norteadora desta pesquisa, a linguística cognitiva (LG), apresentadas por Croft & Cruse (2009) e outros autores afinados com a LG, a respeito das questões supracitadas.

2.1. Palavra

Basilio (2006, p. 13-18) apresenta distintas definições para *palavra*, em função de diferentes critérios de análise: a) gráfico; b) morfológico; c) sintático; c) fonológico e c) semântico, adotando este último – palavra é unidade lexical – e conclui afirmando que a problemática em torno de *palavra* é a tentativa de enquadrar o conceito em uma das categorias (fonológica, gráfica, morfológica, sintática, pragmática) como elemento preciso, ao passo que deveriam ser considerados os diversos enfoques.

Já Mattoso Câmara (1981, p. 187), em seu dicionário, apresenta, para o verbete palavra, as seguintes definições: “Vocábulo provido de significação externa, concentrada no radical; noutros termos vocábulo provido de semantema⁹⁰. A palavra é sempre uma forma livre, é pois um lexema na terminologia norte-americana”.

Rocha (2008, p. 69) afirma que palavra “resulta da associação de um sentido dado a um conjunto dado de sons, suscetível de um emprego gramatical dado” e acrescenta “que uma palavra se caracteriza por possuir uma identidade fonética, uma identidade semântica e uma identidade funcional”.

Monteiro (1986, p. 9) reserva o termo palavra apenas aos vocábulos que apresentam semantema. Em nota (cf. MONTEIRO 1986, nota 10), o autor amplia o conceito afirmando que “forma, função e sentido são elementos solidários e interdependentes, de tal modo que só abstratamente um existe sem os outros”.

É com esse mesmo enfoque, entendendo a palavra como um conjunto solidário entre forma, função e significado, que a linguística cognitiva estuda o signo linguístico. Palavra é a associação entre significante e

⁹⁰ Semantema é a parte da palavra em que repousa a significação lexical básica. Constitui o que se denomina de raiz. (MONTEIRO, 1986, p. 12)

significado, remetendo-se a concepção saussuriana, exceto na percepção da arbitrariedade, que é relativizada, para LG a linguagem é, em grande parte, motivada. A relação entre o significante e o significado de 'pé', parte do corpo humano, é arbitrária; no entanto, o mesmo não acontece nas expressões advindas dele, 'pé da mesa' ("suporte desse objeto"), 'pé de cana' ("alcoólatra"), pois encontram motivação no significado primário de 'pé' e com ele estabelecem afinidades garantidas pelo sistema conceptual.

Em relação à constituição morfológica, as expressões com 'pé' aparecem, na literatura, como produtos de composição ou como grupo sintático. Assim, nas próximas seções, discutiremos tais conceitos, na tentativa de estabelecer o(s) processo(s) pelos quais as expressões aqui analisadas são formadas.

2.2. Composição

Os problemas na definição de palavra, de acordo com Basílio (2000, p. 11), refletem-se sobre a conceituação de palavra composta. Em função da complexidade do assunto, serão apresentadas as definições dos autores já referidos.

Basílio (*op. cit.*, p. 11) define compostos "como conjuntos de palavras que funcionam lexicalmente como uma palavra só". No entanto, ao retomar o conceito de composição, na mesma obra, a autora iguala palavra a radical, embora já houvesse afirmado que radical é uma forma presa e que palavra é uma forma livre. Já em outra obra, a autora (1987, p. 29) define o processo de composição como a junção de uma base a outra para a formação de uma palavra, entretanto ela não esclarece o conceito de base, que ora apresenta como raiz, ora como radical.

Já Mattoso Câmara (1981, p. 76-77) apresenta três definições para a composição, fundamentadas em diferentes critérios: morfológico, fonológico e sintático; contudo, enquadra os processos sintáticos de subordinação e coordenação entre os critérios morfológicos: "Composição – (...) do ponto de vista morfológico, pode ser um sintagma, em que há subordinação de um elemento, como determinante ao outro como determinado, ou sequência de coordenação".

Monteiro (1986, p. 165) conceitua composto como "o vocábulo formado pela união de dois ou mais semantemas". Diante da complexidade do assunto, o autor desconsidera os outros critérios gramaticais e

propõe uma definição, que ele qualifica como restrita, porém, de base morfológica: “será composto o vocábulo que admitir a pluralização apenas do último componente” e possuir as seguintes características: “sufixação relacionada ao composto como um todo; impossibilidade de intercalação de novos determinantes; impossibilidade de disjunção ou alteração da ordem dos constituintes e impossibilidade de supressão de um dos elementos”.

Rocha (2008, p. 184) não se detém sobre o assunto e propõe uma definição não muito contundente: “A composição configura-se como um processo autônomo de formação de palavras em português, diferente da derivação e da onomatopeia”.

Sandmann (1989, p. 3), na introdução de sua obra, informa que não discutirá o conceito de palavra e também não apresenta uma definição evidente sobre composição; todavia, preocupa-se em mostrar as relações sintáticas entre os termos da composição e suas consequências semânticas. O autor também reconhece o papel da situação comunicativa para a compreensão do significado.

A linguística cognitiva, da mesma forma que concebe a linguagem como um dos mecanismos cognitivos, isto é, em interação com os demais processos cognitivos, entende, como afirmam Cuenca & Hilfert (1999, p. 181, 184, 187), que a estrutura da linguagem também não funciona em módulos, mas em um *continuum* de unidades simbólicas, que são o resultado da associação entre um polo semântico e um polo formal em diferentes níveis: morfema, palavra e construção. Como tais componentes estruturam o conteúdo conceptual, qualquer mudança formal tem efeitos semânticos.

Por privilegiar as imbricações advindas da relação entre forma, conteúdo e pragmática, adotaremos a perspectiva proposta por Sandmann na análise das expressões lexicais.

3. *Composição x grupo sintático*

A dificuldade em conceituar composição não repousa apenas sobre a definição de palavra, mas, entre outras questões, também sobre a imprecisão, no panorama da literatura tradicional, em distinguir compostos de grupos sintáticos. Basilio (2000), Monteiro (1986) e Sandmann (1989) discutem, em suas obras, a linha difusa entre esses conceitos.

Basilio (2000, p. 14) afirma que, ao considerar os compostos como um modelo de palavra, faz-se necessário distingui-los de outras estruturas sintáticas, já que os compostos assemelham-se, em sua forma, aos grupos sintáticos comuns. Inicialmente, a autora (2000, p. 15) assevera que o número de palavras que formam o composto não é suficiente para caracterizá-lo; visto que há estruturas composicionais que se assemelham a sintagmas verbais, por isso faz-se necessária uma particularização por meio de “suas propriedades estruturais” a fim de diferenciá-las.

Basilio (*op. cit.*) compara a formação VERBO + SUBSTANTIVO ao sintagma verbal VERBO + OBJETO e demonstra a semelhança das relações sintáticas entre elas. No entanto, diferente do sintagma verbal, a composição encerra uma função designativa. Nesse caso, ‘guarda-roupa’, exemplo citado por Basílio (2000, p. 15), “corresponde a um ser designado pela ação do verbo sobre o substantivo”. Outro critério de distinção é a impossibilidade de inserção de elementos entre o verbo e o substantivo, quando estes formam uma palavra.

De acordo com a autora (2000, p. 15), do ponto de vista fonológico, os compostos, com essa formação, distinguem-se dos grupos sintáticos, pois “é clara a diferença de ritmo, acentuação e autonomia fonológica”. Morfologicamente, ela constata que a forma verbal encontra-se invariavelmente na terceira pessoa do presente do indicativo, diferente do sintagma verbal em que a concordância com o sujeito é obrigatória.

Os argumentos de Basilio diferenciam precisamente os compostos dos não compostos nos aspectos sintático, semântico, morfológico e fonológico; contudo, como observa a própria autora, essa distinção limita-se às formações V+S. Com efeito, Basilio (2000, p. 16) propõe o seguinte questionamento: os outros casos de palavras compostas o são do ponto de vista morfológico ou apenas do ponto de vista lexical? Para responder à questão, a autora utiliza o exemplo ‘óculos escuros’, que, apesar de apresentar função designativa, possui, segundo ela, comportamento morfológico controverso, já que há concordância de número entre os elementos e um dos termos da composição pode ser substituído, assumindo a forma variante ‘óculos pretos’. Basilio conclui apontando a necessidade de uma análise mais cuidadosa sobre o assunto.

Já Monteiro (1986, p. 165-166 e 168) apresenta como um dos problemas fundamentais para a identificação de um composto a similaridade com as locuções e propõe alguns critérios para reconhecer o primeiro: a) ordem fixa; b) impossibilidade de intercalação de determinantes e

c) impossibilidade de supressão de um dos termos. Contudo, admite que tanto os compostos quanto as locuções podem assumir os comportamentos previstos por estes critérios.

O autor, diante da imprecisão da fronteira entre composição e locução, sugere que o problema esteja em compreender a composição como um processo morfológico quando deveria ser tratada como processo sintático-semântico. Em função do exposto, Monteiro propõe uma definição limitada a critérios morfológicos para o composto, como já abordado na seção 2.2.

Contrapondo-se aos compostos estão as locuções, definidas pelo autor (2000, p. 167) “como dois ou mais vocábulos com autonomia fonética e morfológica que apresentam uma unidade de significação” e permitem a flexão de número em todos os componentes ou somente no primeiro. Monteiro cita exemplos de locuções verbais, locuções adjetivas e locuções adverbiais, como ‘tinha feito = fizera’, ‘(fome) de cão = (fome) canina’ e ‘todos os dias = diariamente’, respectivamente.

Sandmann (1989, p. 127-130) inicia a discussão acerca da distinção entre composto e grupo sintático, informando que os compostos formados por A+S, S+A e S+de+S apresentam uma identidade muito próxima à dos grupos sintáticos e, por isso, há uma maior dificuldade em distingui-los. Para diferenciá-las, o autor demarca a função dos compostos e dos grupos sintáticos por meio dos exemplos ‘Tomara que caia!’, ‘Maria vai com as outras’, ‘tomara que caia’ e ‘maria vai com as outras’. Aos sintagmas oracionais, cabe a função de exprimir desejo e fazer uma afirmação, já aos compostos, designar uma blusa e uma pessoa sem vontade própria. Segundo o autor, os compostos perderam as funções expressas pelas frases. Outro aspecto que os diferencia é a “sensação de novidade” evocada a cada palavra nova, que não ocorre com as frases, uma vez que os sintagmas oracionais, a cada manifestação, são uma nova ocorrência da mesma construção; portanto, o caráter de novidade não tem tanta evidência.

Contudo, Sandmann observa que a função designativa não é suficiente para distinguir os compostos dos grupos sintáticos, já que há grupos sintáticos permanentes que são designativos. Exemplos do autor: ‘toda vida’, ‘Nossa Senhora’, ‘pintar o sete’, ‘tomar pé’, ‘tomar conta’, ‘abrir mão de’.

O autor apresenta outras formas de realizar tal distinção, utilizando-se de critérios fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos. En-

tretanto, declara que, no português, os três primeiros critérios não funcionam para todos os tipos de formação existentes na língua, sendo o critério semântico o melhor para fazer tal distinção: “Muitas vezes a distinção se pode fazer apenas por um desses critérios” (SANDMANN, 1989, p. 129).

Sandmann (*op. cit.*) retoma a discussão sobre o signo linguístico, afirmando que a relação significante e significado é que diferencia mais claramente a “palavra complexa ideal” do grupo sintático correspondente.

Nas discussões propostas a cerca da diferenciação entre composto e grupo sintático, destaca-se a instabilidade de padrões que pretendem descrever o comportamento dos compostos. A análise proposta por Basilio (2000) resume-se a um exemplo de formação V+S, que contempla todos os aspectos tidos como fundamentais para caracterizar um composto, mas, das estruturas consideradas marginais, apenas analisa um exemplo de formação S+A, ‘óculos escuros’, o qual a autora não enquadra como composto, por apresentar a variante ‘óculos pretos’, que, segundo ela, é empregada na “língua popular”. Todavia, esse argumento invalidaria o exemplo ‘guarda-roupa’, utilizado pela autora na formação V+S, uma vez que este também apresenta uma variante: ‘guarda-vestidos’. Na verdade, isso apenas ratifica a complexidade do assunto e a fragilidade das proposições.

Monteiro (1986), para definir parâmetros que possam identificar os compostos de forma precisa, restringe-os conceitualmente, ajustando estes ao processo morfológico. Com isso, cria locuções, tais como ‘pé de moleque’, ‘pé de galinha’ e ‘unha de fome’, que anteriormente pertenciam ao grupo dos compostos e apresenta locuções verbais, adjetivas e adverbiais, como ‘tinha feito’, ‘de cão’ e ‘todos os dias’, que não têm caráter designativo.

Já Sandmann (1989, p. 128-129) enfatiza a função designativa dos compostos, observando que esta não é o bastante para caracterizá-lo, já que grupos sintáticos permanentes também podem nomear. Lançando mão dos critérios gramaticais, ressalta que apenas um deles pode ser diferenciador, mas deixa claro que “nem todos os compostos se distinguem em igual medida dos grupos sintáticos.” A flexibilidade dos critérios disponíveis corrobora com a concepção cognitivista de que a estrutura da linguagem não funciona em módulos, como já dito anteriormente. Portanto, um dos problemas na distinção entre compostos e grupos sintáticos

é a tentativa de encaixá-los em categorias precisas. Por tudo isso, propomos um *continuum* entre grupo sintático e compostos. Na próxima seção, serão analisadas as estruturas e a relevância dos critérios fonológicos, morfológicos, sintáticos e semântico para a elaboração desse *continuum*.

4. *Estrutura dos compostos*

Sandmann (1989, p. 117, 123, 139) afirma que, em português, registram-se as seguintes estruturas, como modelos de composição: adjetivo + adjetivo (A+A), adjetivo + substantivo (A+S), substantivo + numeral (S+Num), substantivo + adjetivo (S+A), substantivo + de + substantivo (S+de+S), substantivo + substantivo (S+S) e verbo + substantivo (V+S). Ressalva, porém, que o modelo S+S pode ser considerado um possível empréstimo do inglês.

A ligação entre essas categorias, segundo o autor, estrutura-se por coordenação ou subordinação, podendo ser esta estabelecida por uma relação determinado – determinante ou determinante – determinado.

Considerando o *corpus* ora analisado, os compostos formados com o item lexical ‘pé’, em geral, apresentam os modelos S+de+S, S+A, S+S, V+S e os seus componentes estabelecem uma relação subordinativa predominantemente DM-DT, havendo apenas dois casos com estruturação DT-DM: ‘pontapé’ e ‘rodapé’.

Embora o modelo S+de+S, segundo Sandmann (1989, p. 135), traga incertezas sobre a sua definição, pois tem propriedades muito semelhantes ao grupo sintático, como a acentuação e a flexão de número, podemos afirmar que, nas construções ‘pé-de-S’, tais como ‘pé de galinha’, ‘pé de cana’, ‘pé de chinelo’, ‘pé de meia’, ‘pé-de-coelho’ entre outros, ‘pé’ é o núcleo, uma vez que ‘de+S’ comporta-se como um determinante, um especificador de ‘pé’. E com exceção de ‘pé da cama’, não há contração entre a preposição e artigos.

O modelo S+A, presente em ‘pé-frio’, ‘pé-quente’, ‘pé-rapado’, ‘pé-sujo’ e ‘pé-direito’, reproduz a relação de dependência do adjetivo para com o substantivo, própria dos sintagmas nominais; portanto, o substantivo é o núcleo e o adjetivo, o especificador.

‘Pontapé’ e ‘rodapé’ são os únicos exemplos do tipo S+S e possuem a sequência DT-DM. Ainda assim, ‘pé’ continua sendo núcleo. Essa relação sintático-semântica não deve ser ignorada, pois, como já defendi-

do anteriormente, a forma e a estruturação sintática têm implicações semânticas. Ao assumir a primeira posição, o determinante ganha destaque, pois, em ‘pontapé’, focaliza-se parte do pé e, em ‘rodapé’ (“barra de madeira que se coloca ao longo das paredes”), o contorno, que não precisa ser necessariamente circular.

O modelo V+S, semelhante ao sintagma verbal, tem no verbo seu núcleo e, por isso mesmo, a sequência é do tipo DM-DT. Para ratificar a relevância da forma e da relação entre os termos na construção do significado, podemos comparar ‘rapapé’ (bajulação) a ‘pé-rapado’ (pobre). No primeiro exemplo, modelo V+S de sequência DM-DT, o verbo assume a forma temática; já no segundo, modelo S+A de sequência DM-DT, o verbo ‘rapar’ toma a forma nominal do particípio⁹¹ e adquire valor de adjetivo.

Entre os compostos analisados, foi encontrado apenas o dado ‘pé-pé’ (coxo) estabelecendo uma relação coordenativa.

Considerando os modelos V+S, S+de+S, S+A, S+S, pertinentes ao *corpus* aqui analisado, as relações sintático-semânticas DM-DT ou DT-DM e os critérios fonológico, morfológico, sintático e semântico, pretende-se identificar as formas prototípicas e periféricas dos compostos.

4.1. Modelo V+S

A estrutura V+S, como apresentado por Basilio (2000, p. 15-16) e comentado na seção 3.0, apresenta características que a diferencia do grupo sintático nos aspectos morfológico, fonológico, sintático e semântico.

⁹¹ Segundo Mira Mateus *et al.* (*Gramática da LP*, Lisboa: Caminho, 2003, p. 374-375), embora os participios adjetivais partilhem muitas propriedades sintáticas e morfológicas com os adjetivos, há participios que são verdadeiras formas verbais. Para as autoras, a diferença entre participios e adjetivos reside na possibilidade de os participios serem acompanhados de advérbios temporais/aspectuais e na impossibilidade de serem antepostos aos nomes. Ao contrário, são adjetivos os itens que não admitem esses advérbios e podem vir antepostos aos nomes. Já de acordo com Henriques (*Sintaxe Portuguesa*, Rio de Janeiro: Oficina do autor, 2003, p. 135), o adjetivo participial não se confunde com o particípio (forma nominal do verbo) porque o particípio concorda obrigatoriamente com o termo que é seu sujeito; ao passo que o adjetivo, com o termo que pode desempenhar uma função sintática qualquer (inclusive sujeito, mas de outro verbo).

Morfologicamente, na composição V+S, o verbo está cristalizado na sua forma temática e não realiza flexão verbal. Nos exemplos ‘Rapa-pé’ (“bajulação”), ‘arrasta-pé’ (“forró”) e ‘busca pé’ (“espécie de fogos de artifício”), há palavras formadas por verbos de primeira conjugação e apresentam a combinação radical mais vogal temática: ‘rap + a = rapa’, ‘arrast + a = arrasta’ e ‘busc + a = busca’.

Segundo Sandmann (1989, p. 138), nesses compostos, a pauta acentual é diferente, pois o acento do verbo torna-se mais fraco, passando a secundário. No grupo sintático, diferentemente, o verbo recebe o acento primário. Os exemplos a seguir ilustram essa diferença; neles, o acento grave foi utilizado para indicar os acentos secundários e o agudo, os acentos primários.

(09) “Ò arrásta-pé dõs famósos.”

(<http://ibahia.com/detalhe/noticia/elba-ramalho-e-gilberto-gil-em-arrasta-pe-no-centro-historico/>)

(10) Meníno arrásta pé pèlo gramádo.

O autor (*op. cit.*) afirma que os compostos distinguem-se sintaticamente por não admitirem intercalação de adjuntos, como no grupo sintático (‘rapa o pé’), e por poderem ser especificados por determinantes (‘famigerado rapapé’).

Portanto, é possível identificar essa estrutura como uma composição em função do conjunto de critérios que atuam na sua formação.

4.2. O modelo S+S

De acordo com Sandmann (1989, p. 133), os compostos S+S não são uma formação sintagmática comum em português, assim como a sequência DT-DM, em estruturas de composição. O autor considera esse padrão um possível estrangeirismo oriundo do inglês, e essa origem já os distingue dos demais modelos. Os encontrados no *corpus* são escritos juntos, como ‘pontapé’ e ‘rodapé’, e não permitem a intercalação de determinantes entre as palavras que os compõem.

No tocante ao aspecto morfológico, apenas o último elemento recebe flexão. E em relação ao aspecto fonológico, o primeiro elemento é átono. Esse modelo, semelhante ao V+S, distingue-se do grupo sintático por meio da atuação de todos os critérios.

4.3. Os modelos S+de+S e S+A

Os modelos analisados nesta seção não se distinguem facilmente dos grupos sintáticos. De acordo com Sandmann (1989, p. 130-131), morfologicamente os modelos S+A, S+de+S não apresentam um único padrão flexional. O plural de ‘pé-frio’ é ‘pés-frios’, já o plural de ‘pé de moleque’ é ‘pés de moleque’. A flexão de número realiza-se tanto nos grupos sintáticos paralelos quanto nesses compostos da mesma forma. Pelo critério fonológico, de acordo com o autor (1989, p. 130), não é possível diferenciá-los.

Em relação ao aspecto sintático, essas estruturas são iguais ao sintagma nominal correspondente. No entanto, o critério sintático, como afirma Sandmann (1989, p. 131, 1991, p. 8), é útil para distinguir compostos de grupos sintáticos eventuais, pois “um composto é um sintagma que só pode ser especificado globalmente”. A especificação de composto refere-se ao seu todo e não apenas a um dos elementos. O exemplo abaixo demonstra como se dá essa relação.

(12) “Pra ninguém achar que eu não gosto de um bom pé sujo, aí vai minha dica”. (<http://www.jblog.com.br/robertamalta.php?itemid=1470>)

Em (12), ‘bom’ especifica todo o significado e não apenas ‘sujo’ ou ‘pé’. ‘Bom’ também não pode coordenar-se isoladamente com um dos termos, como em ‘pé sujo e bom’ ou ‘pé bom e sujo’.

4.4. Modelos prototípicos e periféricos

Tendo em vista os modelos comentados nas seções precedentes, observa-se que algumas estruturas distinguem-se mais facilmente dos seus grupos sintáticos paralelos que outras. Isso ocorre pelo fato de esses modelos comportarem-se diferentemente dos grupos sintáticos em relação aos critérios definidores: morfológico, fonológico, sintático e semântico. Tais critérios parecem funcionar como filtros, uma vez que a palavra complexa, diferenciando-se do grupo sintático em cada um desses critérios, mais próxima está do *status* de composição. Nesse caso, os modelos V+S e S+S podem ser alçados à condição de membro prototípico da categoria dos compostos.

Analisando os compostos como uma categoria radial, isto é, em que há membros mais salientes que outros, os modelos S+de+S e S+A devem ser avaliados como elementos periféricos dessa categoria, já que

não se diferenciam dos seus grupos sintáticos paralelos em todos os critérios, distinguem-se desses apenas por sua função designativa e seu comportamento sintática diferenciado.

Propomos em função do exposto e do corpus analisado um *continuum* entre compostos e grupos sintáticos, sendo constituído um dos seus polos por compostos do tipo V+S e S+S e o outro polo por grupos sintáticos eventuais, passando por uma gradação, na qual são inseridos elementos do tipo S+de+S e S+A.

Na próxima seção, será analisado o outro polo desse *continuum*, em que se posicionam os grupos sintáticos.

4.5. Grupos sintáticos e o Continuum

Segundo Sandmann (1990, p. 04), “grupo sintático é toda sequência, fixa ou eventual, que, em certo sentido, é homônima da palavra composta”. Exemplo do autor “lança foguetes”.

O autor (1990, p. 04.) afirma que grupos sintáticos fixos ou permanentes são aqueles em que, como nos compostos, o “valor sintático se cristalizou num novo valor morfológico (...) cujas funções são rotular, permanentemente, um recorte do nosso universo biofísicosocial, e como tais são estocadas no léxico da língua.”

Como mencionado anteriormente, a função designativa, embora não o bastante, caracteriza os compostos, enquanto a função “enunciativa ou elocucional”, de acordo com Sandmann (1990, p. 04), particulariza a sentença. Contudo, para distinguir os compostos dos grupos sintáticos, o autor (1990, p. 06) sugere que seja feita alguma forma de isolamento ou distanciamento em que opere um dos critérios já enumerados: semântico, sintático, fonológico ou morfológico.

A partir das análises e as propostas sugeridas por Sandmann, parece-nos, inicialmente, que os grupos sintáticos eventuais diferenciam-se mais facilmente dos compostos, além dos critérios já arrolados, por seu caráter enunciativo, como em ‘quebrei o pé direito’ e ‘O submarino lança foguetes continuamente’. ‘Pé direito’ não faz menção à altura entre o piso e o teto ou a um fator de sorte, e ‘lança foguetes’ não tem a função de nomear uma espécie de armamento. Porém, este último exemplo concorre com o composto de modelo V+S, apresentado, na seção 4.1, como modelo prototípico – aquele que se distingue facilmente do grupo sintáti-

co paralelo, diferentemente dos modelos periféricos. Portanto, faz-se necessário um maior número de dados a fim de que se verifique se a função enunciativa é satisfatória para identificar um grupo sintático eventual prototípico.

A complexidade expõe-se no exemplo ‘pé de meia’. O autor classifica-o entre os grupos sintáticos eventuais; no entanto, esse sintagma tem função designativa. Diferentemente de ‘pé de meia’ (significando economias), aquele admite intercalação de determinantes, como em a) ‘perdi um pé novinho de meia’ ou b) ‘alguém viu um pé da minha meia?’ ou c) ‘o pé da meia sumiu’. Em (a), interpõe-se entre ‘pé’ e ‘de meia’ o adjetivo novinho; já em (b), o artigo ‘a’ aparece contraído com a preposição ‘de’ e é inserido o pronome possessivo entre ‘de’ e ‘meia’; e, em (c), novamente, o artigo ‘a’ aparece contraído com a preposição ‘de’, o que o distancia dos compostos. Portanto, acreditamos que ‘pé de meia’ está em um ponto intermediário de um possível *continuum* grupo sintático – composição, uma vez que apresenta a função designativa, própria dos compostos, ao mesmo tempo que possui comportamento sintático semelhante ao do grupo sintático eventual.

Em relação ao grupo sintático permanente, uma análise mais acurada, respaldada nos critérios norteadores, é bem-vinda, para identificar os fatores que o afastam dos compostos, pois a posição periférica dentro do grupo sintático parece-nos consequência de sua função designativa.

Como apontado na seção anterior, no outro polo do *continuum*, encontra-se o grupo sintático eventual, que como os compostos possuem elementos com diferentes características, permitindo a divisão daqueles em prototípicos e periféricos. Para identificar as propriedades do grupo sintático eventual, lançaremos mão da proposta de análise da LG sobre as relações entre léxico e sintaxe.

Segundo Croft e Cruse (2009, p. 255) há entre o léxico e a sintaxe um *continuum*, pois ambos são construções, de níveis distintos de complexidade, que instanciam o pareamento forma e significado.

Considerando o proposto pelos autores, é possível afirmar que os grupos sintáticos eventuais, são construções mais complexas, pois abrangem um número maior de elementos. Já as palavras, conforme Croft e Cruse (*op. cit.*), são construções mais simples e não podem ser divididas em partes significativas. Os autores consideram que há palavras também complexas, contudo, ressalva que suas partes estão vinculadas morfologicamente, enquanto os elementos que constitui as construções sintáticas

possuem entre si um maior grau de independência. Portanto, regras sintáticas (acompanhadas de regras de interpretação semântica) são esquemas, padrões gerais que podem ser preenchidos por diferentes palavras, enquanto as palavras são construções que possuem preenchimentos previsíveis.

Em função do proposto por Sandmann (1989) e Croft e Cruse (2009), os grupos sintáticos eventuais prototípicos são aqueles que têm função enunciativa, padrões gerais de construção e um relativo grau de independência entre os termos que os compõem.

Grupo sintático eventual e compostos são construções que apresentam diferentes níveis de complexidade, possuindo, cada uma, elementos prototípico e periféricos. Embora muitas das vezes as semelhanças possam dificultar compreender a distinção entre um processo e outro, a análise proposta permite que tais processos sejam reconhecidos individualmente, sendo possível distribuí-los no continuum abaixo.



5. Conclusão

Este pequeno estudo de casos originou-se de algumas questões discutidas pela literatura tradicional que nos pareceram relevantes para compreender formações como ‘pé de galinha’, ‘pé da mesa’, entre outras.

A partir da fundamentação teórica e das discussões propostas por Basílio (1987, 2000 e 2006), Mattoso Câmara (1996 e 1981), Monteiro (1986), Rocha (2008) e Sandmann (1989 e 1991), fizemos a seguinte indagação: quais são as diferenças formais e semânticas entre compostos e grupos sintáticos com base em ‘pé’? Percebeu-se que, em relação à forma, a discussão esbarra, inicialmente, na definição de palavra, que na literatura não é consensual, em função da gama de perspectivas pelas quais o conceito pode ser definido. Consequentemente, as questões envolvendo a definição de palavra refletem sobre o conceito de compostos, uma vez que esses são a reunião de duas ou mais palavras.

Outro aspecto abordado na análise dos compostos é o limite entre estes e os grupos sintáticos eventuais. Observaram-se as semelhanças de

comportamento fonológico, morfológico, sintático e semântico entre os compostos e os grupos sintáticos eventuais, que permitiram sua organização num *continuum* grupos sintáticos eventuais – composição. A semelhança ou a diferença comportamental, de acordo com os critérios citados, aproximam ou afastam essas categorias, além das funções designativa, própria dos compostos, e enunciativa, específica dos grupos sintáticos eventuais.

Contudo, pareceram-nos insuficientes os critérios acima para distinguir os grupos sintáticos eventuais dos compostos. Por isso, lançou-se mão das proposições apresentadas por Croft & Cruse (2009), acerca de construções, o que nos permitiu chegar a algumas conclusões sobre essas estruturas: grupos sintáticos eventuais, além da função enunciativa, apresentam uma construção sintática geral e mais complexa, associada a uma regra de composição semântica mais geral, enquanto os compostos possuem função designativa e apresentam uma construção sintática específica e menos complexa, associada a uma regra de composição semântica mais específica.

Com isso, não pretendemos esgotar as questões que envolvem assunto tão complexo, mas propor uma análise das construções envolvendo o item lexical ‘pé’ sob a perspectiva da linguística cognitiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. Em torno da palavra como unidade lexical: palavras e composições. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*. Juiz de Fora, v. 4, n. 2. 2000. Disponível em: <<http://www.revistaveredas.ufjf.br/veredas07.htm>>. Acesso em: 05-01-2009.

_____. *Formação e classe de palavras no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CROFT, W.; CRUSE, A. D. *Cognitive linguistics*. Cambridge: University of Cambridge Press, 2009.

CUENCA, M. J.; HILFERTY, J. *Introducción a la lingüística cognitiva*. 1. ed. Barcelona: Ariel, 1999.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário eletrônico Aurélio da língua portuguesa*, versão 6.0. Curitiba: Positivo, 2009.

HOUAISS, A. et al. *Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Objetiva. Versão 3.0, junho de 2009.

MATTOSO CAMARA Jr, J. *Estrutura da língua portuguesa*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Dicionário de linguística e gramática*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: Edufc. 1986.

ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SANDAMANN, A. J. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Ícone, 1989.

_____. O que é um composto. *Revista D.E.L.T.A.*, v. 6, n. 1. São Paulo: PUC, 1990.